

AO BOCCACIO

EDIÇÃO ESPECIAL

Em homenagem á primeira representação da opereta

BOCCACIO



S. PAULO

LARGO ROSARIO

4 DE AGOSTO

O BOCCACIO

S. Paulo, 4 de Agosto de 1885.

O Boccacio em scena, a famosa opereta pela primeira vez em S. Paulo, é um acontecimento que pede manifestações de regosijo por todas as formulas e maneiras: o foguete, a banda dos permanentes, repiques de sino, bandeiras, galhardetes, etc., etc.

FOLHETIM

Cartas a Julio Ribeiro

Charo amigo:

Como te prometti, vou com toda a seriedade, narrar-te o que por aqui tem acontecido depois da tua partida para esse bello Capivary.

Não te assuste, nem tremas, o que te vou contar nada te diz a respeito. A maior novidade novidade da terra, o que tem feito successo nos mundos de além, é o celeberrimo e decanado imposto (!) das sepulturas.

A nossa camara municipal é o que demos definir em linguagem pratica: uma excellente machina, systema Saraiva, para fabricar impostos.

Tu bem a conheces.

A maior parte dos nossos edis, são homens que tem o cerebro cheio dessa cousa, que o Navarro da provincia chama utopia de çaloiros.

E é uma verdade logica, baseada nos principios fundamentaes da arithmetica municipal.

Não sei, isto de impostos, é como diz o nosso amigo Maragliano, um desaforo, patotas arranjadas para esses filhotes incognitos da pelintraje.

E si não, vejamos.

Ha poucos dias, passava eu distraidamente pela porta da camara e fui

De nossa parte empregamos o artigo de fundo.

É uma girandola como qualquer outra.

A conhecida e recommendada Charutaria do Boccacio, ao largo do Rosario n. 4, regosija-se e seus freguezes e amigos, e com o illustrado publico pelo grande factio.

O Boccacio em scena!....

Este numero especial será a faustioza commemoração da feliz e

esbarrar com o nariz n'um enorme edital, que os nossos edis mandaram pregar n'uma das faces da porta lateral.

Li com avidez este annuncio, sim, porque um edital e um annuncio é a mesma cousa, e fiquei perplexo, boquiaberto ante tamanha aberração desse ventre fecundo de nossa edilidade.

Na verdade.

Tal filho (imposto) era digno de taes paes!...

Pois aonde é que se viu a gente depois de morto, *debaixo de frio chão*, pagar impostos, ou para melhor dizer, aluguel da humida enxovia que guarda os nossos ossos!...

Isto, só de uma camara como esta nossa?

Hom'essa, até os pobres defuntos, mortos, carregados de impostos!...

Isto não tem lugar; daqui uns dias, não morre mais ninguem, não ha cidadão que queira na ultima hora do repouso eterno, ver bater na porta de sua campa, um dos cadaveres da camara municipal com uma sacola ás costas, como faz o Chico Sachristão, e com uma voz cavernosa, cheia de pigarros, dizer: E'... amigo, imposto da sepultura!...

Ora essa!

Desta maneira, não convem morrer; pois não ha tanta gente que procura a morte como o unico legado de seus

promissora lembrança do gentilissimo e honrado emprezario Heller que com a sua amabilidade habitual vem voltar pelo avesso as bolças paulistas e por ao sol as *lourinhas*.

Hurrah, pelo Boccacio, á esplendida opereta de Suppé, vai marcar uma época n'estes dominios do Amador Bueno e dos Andradas mostrando o vertiginoso progresso que tem feito a terra paulistana,

males, e como é que depois de obterem da mão de um consolador bacamarte este réfrigerio, querem ser perturbados no somno que gozam?

Não tem lugar tal disparate, isto é um absurdo sem qualificativo, sem nome proprio e definido!

Até o presente, todos os viventes pagavam imposto, agora até os mortos.

Isto é irrisorio!

Afinal, appareceu um edil, gordo como um padre, mostrando as roscas do pescoço, assuando-se com estrondo no seu clerical lenço de rapé, azul e apresentou aos seus muito dignos collegas o tal imposto das sepulturas!

Dizia elle, que baseara-se na mais pura logica dos acontecimentos humanos, e não citou classicos porque os desconhecia; mas, emfim, era natural que todo o proprietario de sepulturas pagassem 120 réis annuaes!

Houve um ligeiro sussurro e um dos edis que mais sepulturas tinha, gritou exasperado: Mas collega, quem é o legitimo proprietario da sepultura?

—Ora essa, é o defunto, disse o que propoz o tal imposto, sorrindo.

—Pois então, como quer você que os incommode?

—Como? o collega não sabe que o caipira paga imposto por vender allinhas, o saltimbanco pelos cosmoramas,

desde as tanaguras vestidas das nossas avós, até a Senhora Henri, desde os rolos de pavio até os bicos de gaz, desde a Ignez de Castro até o Boccacio.

Hurrah tres vezes hurrah pelo seu criado,

BOCCACIO.

CASA BOCCACIO

A vapor

PALESTRA EM UMA REPUBLICA

Ora que diabo de tristeza é essa cá por casa, disse-me o Filinto entrando, e atirando em cima da mesa um elegante cartão da casa Boccacio.

Que queres, meu caro, a falta de dinheiro, é a causa primordial dessa hypocondria; findou-se a mesada, e eu... faz hoje tres dias que não embalo minh'alma apaixonada nas doces fumaças de um havana de duzentos...

pague o imposto, si elle reside no perimetro municipá!...

Não sabe V. S. que até os mortos estão sujeitos as leis do nosso codigo?

Entre esta logica dedução de factos a proposta passou, foi aceita unanimamente.

Era lei... municipal, o que se havia de fazer; alli era murchar orelha e fazer o que elles quizessem, porque do contrario era admittido a bem do serviço... publico.

Mas, a final de contas o nosso édil prestou um revelante serviço a humanidade suffredora e a patria exaurida; agora quem tiver a coragem de querer se suicidar por causa de dividas, não faz lembrando-se que lá mesmo, o podem importurnal-o.

É esta proposta, vem muito a tempo, e é de utilidade financeira; pois com este auxilio desenvolve-se no paiz a grande imigração expontanea, como diz o Rampi e não ha factos a lamentar-se o trabalho não apparece cessa o numero de obitós, os commentarios de tragicas scenas de sangue, porque todos esmorecem só em pensar que o tal imposto os traria n'um sarilho bruto.

Sómente quem deu um solemne cavaco com essa medida, e não quiz reconhecer á sua utilidade, pois, segundo me contou uma velha que mora nas visinhanças do Cemiterio foram os defuntos, que resultados contra semilhante proceder dos camaristas fizeram um meeting noturno para protestarem contra a falta de urbanidade e respeito á suas catolicas pessoas.

Ficou resolvido, que uma commissão

—E essa...você, não me parece um guasca, um descendente desses bravos heróes de trinta e cinco, uma particula desse *tremeterra*, que vocês de bocca cheia appellidam—o *Jequitibá das florestas!*...

Um rio-grandense, disse-me o Filinto com entusiasmo, quando não traz o *laço* amarrado aos *tentos*, ao menos traz as tradicionaes *bolas* penduradas na argola do *cerigote!*

—Ora adeus, meu caro.

—E' com esta *prosopopéia*, que te apresentam hoje diante dos teus amigos, no dizer do pilherico João Minhóca?

—Mas, filho, que hei de fazer, bem sabes... Ora o que has de fazer, asneiras; o melhor partido que deves tomar é sahir.

—Sahir, como, se não tenho um x?

—Hom'essa, erão, só aquelles que trazem dinheiro nos bolsos, é que passeiam, para gastar á larga, não é assim?

Deixa-te d'isso rapaz.

Hoje em dia quem mais luxa e mais grandezas arrota, é aquelle que nada tem, que não possui um só real de seu, que deve a Deus e a todo mundo e que passeia com arrogancia nos jardins, vae ao theatro, lê as folhas do dia no café mais popular e que olha com despreso para o seu credor quando este lhe comprimenta.

São estes os verdadeiros vampiros sociaes. Os homens que sabem viver; os bohemios que honram a classe a que pertencem...

—Mas, Filinto, estas parasitas sociaes nem sempre têm a seu lado o apoio dos homens

composta de 3 dos mais velhos defuntos que alli se achavam, fizeram um abaixo assignado, onde figurasse o nome de todos os seus compadheiros afim de apresentarem o illustrissima Camara Municipal do cidade dos viventes, o seu protesto; e, que allegossem não terem sidos contemplados na distribuição dos empregos publicos e nem si quer fazerem parte da celebre *rataria* do erario publico intitulado Cosselho de Instrução.

Pobres defuntos! bem sei o que uos indusem a praticar isso; é porque não tinhas o direito de voctar pela reforma do Saraiva, se essa reforma vos dessem o diploma de eleitor, talvez que mereceseis mais attenção e benevolencia da parte do nossa idelidade.

A resolução que tomar a Camara quanto a este abaixo assignado, scientificar-te-hei na proxima carta.

Não sabes, meu charo, que temos por cá a Companhia Heller a fazer as delicias do nosso publico?

Pois é verdade, o Heller é o chefe da troupe; imagina, noventa e tres figuras, que successo!

Estreiraram com a *Mascote*, foi enorme a concurrencia, e bem cantada a opera popular do insigne maestro Andran.

Hoje vae á scena o *Boccacio*, a mimosa opereta que tanto successo obteve no Sant'Anna da Côte, e que já conta um centenario!

Vem ver, deve estar esplendido.

A hora que te escrevo, duas da tarde, não ha mais uma cadeira para se comprar, camarotes foram-se, o mais vae indo com rapidez de raio.

sensatos; sua transição na face da vida cial, deve ser bem cruel, tormentoso...

—Basta, não me contes historias; as interrupções não me agradam, eu estava a palavra e agora vêm você com tolices interromper-me

Capei-te o fio do discurso, não é verdade?

—Qual capou-me, o facão rio-grandense não tem o gume tão fino, para que possa cortar o fio da palavra paulistana!

—Bonito, Filinto, não ha duvida, esta com uma borragia admiravel.

—Alto, rapaz isto é privilegio rio-grandense, e chapa muito usada pelo teu patricio Telles.

—Bravos, mas não o conheço.

—O que? pois não conheces o Telles do Boccacio, aquelle que é capaz de fallar duas horas sem espirrar das grandezas da sua terra, e d'uma pequena que diz ter deixado em Pernambuco?

—Palavra que não conheço semelhante typo.

—Perdes muito com isso, pois o teu patricio é um bello rapaz, alma grande, franco como um rio-grandense deve ser, e torna-se tão amavel quando algum freguez apresenta os *nicolaus*, saldando alguma divida já caduca nos livros.

—O que me dizes Filinto, pois elles têm cadernos de *lucros e perdas?*

—Qual perdas nem historias; aquelle teu patricio é da pelle do diabo; olha, queres vel-o satisfeito, rindo como um sultão no seu harem, fallando como um letrado, da nossa

O nosso bom amigo Maragliano, proprietario da afamada cigarria Boccacio, enfeitá hoje o frontespicio do seu elegante estabelecimento, em homenagem a representação da opereta cujo nome deu á sua bem montada casa.

Hoje na cigarreria é um dia de festa, o Maragliano enverga a casaca e vai cumprimentar o Heller.

Eu é que fui cumprimentado por este amigo que offereceu-me uma optima caixa de charutos havanos, recebidos directamente da Europa, pelo ultimo vapor que estacionou no porto do Rio de Janeiro.

São deliciosos, um paladar agradavel, e que cinza, branca, tão branca como os pós antimorridaes que vende os srs. Mello & Comp.

Vem até cá, e verás como a casa Boccacio põe as manguitas de fóra.

Isto agora é outra cousa, tudo novo, a refórma foi geral até nos empregados.

Isto é para se dizer: bravos, Boccacio, agora sim senhor.

Finalmente, meu charo Julio, estou te caceteando e tenho tanto que fazer.

Adeus, até o proximo domingo, se eu lá não estiver, conta ao menos com uma carta minha.

Teu do coração,

TRES ESTRELLINHAS JUNIOR.

S. Paulo—4—85.

edilidade, do mau estar do paiz, dos discursos do conselheiro Azevedo relativamente á nossa faculdade, do futuro da companhia do Heller, e que mais sei eu, diz-lhe que recebestes mesada e que precisas comprar alli alguma cousa.

—Mas filho, o que ganho eu com isso?

—Nada a principio, mas depois...agua morna em pedra dura, tanto bate até que fura, não sabes d'isso? podes muito bem, com a capa de patricio, conquistares a amizade do Telles.

E uma vez que arranies isto, deixa o resto correr pela banca do accaso.

Alli ao menos, póde-se passar uma ou duas horas sem si estar aborrecido, reúne-se meia duzia de rapazes do *high-life* a prosearem.

Discute-se a politica, o futuro dos bacharelados e si o Barcellos da casa Vermelha, tem razão de pôr na porta, como distico da sua casa, uma bota em lugar de tres...

E de mais, a insipidez por estas paragens é tal, que já as pombas da rua do Imperador bateram azas, e foram em outras plagas buscar as diversões que sonhavam.

Fizeram muito.

O mesmo me disse o Telles, quando hontem, recordavamos o nosso tempo...

—Or Filinto, estou ansioso por conhecer este novo patricio em que tanto me fallas; que diabo, você não conta uma cousa que o tal Telles não esteja no meio, finalmente, é esse o dono da afamada casa Boccacio?

—Qual dono, é simplesmente caixeiro, isto muito em segredo, breve terá elle parte nos lucros da casa.

—Então o proprietario é que se chama Boccacio?

—Ora bolas, Boccacio é o nome da casa.

—Pois então não conhece o José?

—Que José, o caixeiro do Java?

—Bonito! pelo que vejo, você ainda não conhece ninguém em São Paulo; pois meu amigo, não é isto um Paris nem uma Babilonia para se levar tanto tempo a conhecer as melhores casas e os typos mais populares.

—O José, de que te fallo, é tão popular aqui, como é o Castro Urso na Côte.

—Pois não conheces o Maragliano, aquelle rapaz que usa cabellos a Theophilo Braga, veste-se no Ronier & Cabral, da Côte, calça botinas da afamada Casa Vermelha; o amigo dos estudantes, dos calcu'os desvallidos? ainda não conheces? aquelle que traz o globo da pilheria na palpebra do olho... esquerdo. Corpo di Bacco!

E' uma imprecação italiana, disse eu ao Felinto, me rindo ás bandeiras desprezadas.

—Oh! o Maragliano...

—Ainda não conclui, bradou furioso o Felinto, tenho ainda o que dizer.

—Mas a hora esgota-se...

Esgotado está você... das algibeiras; olha, é melhor que cantes as *esterlinas, libras*, de Thomaz Ribeiro, do que vires agora importunar-me.

—Está bem, póde fallar o dr. Felinto, silencio turbas alegres...

—Quem está *quebrado* não falla, atalhou o Caldeira, que silenciosamente applaudia a nossa discussão.

—Apoiado, gritou o Felinto entusiasmado.

—Mas, senhores, como eu ia dizendo, o Maragliano não é da altura do Araujo do Granito, nem tambem da miniatura do Paulista da rua do Ouvidor. (Risos) Não é tão bonito como o Rivadavia, nem tão feio como o Teixeira da livraria! (Bravos). Finalmente, senhores, o illustre corpo commercial de São Paulo vae apresental-o pelo 5º districto da Imperatriz, nas futuras eleições carnavalescas, á camara temporaria do Internacional.

O illustre proprietario da Casa Vermelha, Barcellos, muito digno presidente da Sociedade B. Sorocabana, acaba de elege'l-o por unanimidade de votos representante desta cidade em todo centro da Lavoura... Boccacio. (Muito bem! repetem-se os applausos, o

orador desce da tribuna e é cumprimentado por todos).

Filinto, promettes muito para o futuro, não ha duvida, conta com o meu voto.

—E' desses que a patria e a humanidade precisa, disse o Caldeira, folheando as «Noites na Taberna, de Alvares de Azevedo.

—Estás certo d'isso?

—Certissimo, collega; o homem quanto mais parlador, mais feliz, tem sempre povo, essa massa bruta das nossas popéas, diante de si para applaudil-o; e se não, veja o que fez o Nabuco do povo fluminense.

Electrisa-os com discursos bombasticos, faz o mesmo que fez o Trovão por occasião do celeberrimo imposto do vinho.

Estende fileiras no campo inimigo, arma a escopeta e do meio das barricadas faz fogo ao povo!...

—Bravo, bom modo de combater.

—E' da maneira que elles fazem, meu amigo; armam o laço e vão para fóra vêr o effeito que causa a armadilha na consciencia do incauto.

Bem, são cinco horas e a noite não tarda a se avisinhar da terra.

E' de effeito essa bomba, Felinto, onde fostes buscar?

—Nos miolos do Boccacio.

—Pois elle é poeta?

—Não; é peor do que isso, tem a mania de decorar versos do poeta Margarido para recitar em dias de gala nacional.

—Hom'essa, é singular.

Isto é, plural, pois o homem do globo de pilheria no olho esquerdo é casado.

—Sim?!...

Então que pensas, é um rapaz distincto, está bem collocado e tem um futuro grandioso diante de si.

—Eu preciso conhecer este homem.

E' facil, veste-te, desce a rua da Imperatriz e quando frontearas a igreja do Rosario, logo esbarras adiante de uma elegante casinha, ornada a capricho, tendo em letras douradas o seguinte distico:—*Boccacio*—. Entra, compra cigarros e tens ahi um meio de conhecê-lo.

Bem, farei hoje isto.

Cessa tudo que a musa antiga canta...

O que é isso, Filinto? pelo amor de Deus, não faças tanto barulho.

—Olha, escuta!

—Escutar o que?

Pois não ouves? é o meu visinho aqui da esquerda, o dono cá da casa, falla baixo, pois que elle é bem capaz de me vir cobrar tres mezes de aluguel da casa já vencidos.

E o velho acordou-se praguejando contra essa raça maldita de estudantes.

—Calate miseravel velho d'uma figa, tens o frio do inverno a enregelar-te o coração, emquanto que nós temos o fogo da primavera nos vivificando a alma.

—O que é isto, Felinto?

—Nada, rapazes, vou-me embora, porque não gosto de estar perto de *cadaveres*, sinto uns calafrios horriveis, que me paralytam o coração, só em me lembrar dos meus.

—Então não esperas para tomares mate?

—Não posso, já é tarde e tenho ainda que me apromptar; vou ao Boccacio.

—Que Boccacio, da cigarraria?

—Não; vou ao Boccacio do Heller, no theatro S. José.

Deve estar esplendido, é uma festa magnifica que o Heller faz de parceria com o Maragliano.

Não ha um só camarote para remedio: cadeiras, já voaram como as as borboletas da Josephina, e as torrinhãs pagam-se caras, mesmo assim obtem-se uma por empenhos. Emfim, a enchente é real; o Boccacio Junior em homenagem a sagração de seu pai, prepara uma surpresa brilhante para os seus freguezes, amigos e admiradores.

Não se perde uma festa desta ordem.

Hoje não fica ninguém, já pela republica; tudo, muito em tempo, maniu-se com excellentes cadeiras.

Adeus, rapazes, até ao Boccacio.

E assim partiu o nosso sympathico Filinto, sem nos offerecer um cigarro e franquear-nos a sua bolsa, que n'este dia estava bem provida.

—Não ha remedio, disse eu para o Caldeira, preciso ir ao espectáculo e conhecer esses typos populares, que tanto me falla o Filinto—Maragliano e Telles! caixeiro e patrão, Boccacio Junior e Boccacio Netto!...

E' hoje, que vou travar relações amistosas com o meu famoso patricio, e o incomensuravel homem da pilheria...

Este Filinto tem cada uma, que parece duas.

Eram oito horas quando sahi.

Na rua da Imperatriz havia muita gente; a animação era geral.

O povo surgia prasenteiro, de todos os cantos das ruas e dirigia-se ao largo do Theatro.

A noite estava esplendida, a lua magestosa passeava altiva em seu carro de nuvens, levantando das estradas do infinito uma camada de pó, onde brincavam as palhetas de ouro e prata beijando a zimbria do seu formoso manto que cahia no espaço.

Uma girandola de foguetes cambiantes subiam ao ar, casando-se com as harmonias divinas da excellente banda de musica dos permanentes, dava signal o começo do espectáculo.

Corro pressuroso á Charutaria do Boccacio, com tenções de lá me encontrar com algum amigo, que me convidasse a assistir á representação d'essa famosa opereta.

Fui infeliz.

Quando lá cheguei, vi tudo fechado, o povo tinha levado consigo o meu patricio a convite do Heller.

A festa era sua.

E agora, o que havia de fazer? sem dinheiro, sem encontrar uma pessoa conhecida que me pudesse valer, lembrei-me de pôr no *prégo* o meu relógio, mas, esquecia-me que este dormia o somno dos justos nas prateleiras da casa do *prégo* da rua de S. Jpsé.

Maldad, lá é a vida de um estudante nas minhas condições; ver os outros divertirem-se e não poder fazer o mesmo!

Oh! sorte como és cruel; dais tanto a uns e nada a outros; porque não repartes comigo o sobejo do teu ouro?

Emquanto eu pensava estas e outras tantas tantas cousas, dava-se começo ao espectáculo, e as ruas ficavam desertas.

Cabisbaixo segui; era arastado machinalmente por uma mão mysteriosa que me trouxe até a porta de casa, abri e entrei.

Um vago murmúrio de vozes me veio acordar; um suor frio me inundava a fronte, tremi, tive medo da casa, dos trastes, de tudo que me cercava...

De repente, sahe do quarto contiguo uma formosa mulher; representava-me uma bailarina em dia de festa. Riu-se ao ver-me, e depois com meiguice fallou-me: Senhor, sou Boccacio, hoje é o dia da minha festa, porque não ides ver?

Quiz fallar, mas a joven desapareceu; levantei-me para segui-la, n'este interim o gato da vizinha gemia-me aos pés.

Era porque eu tinha-o pisado.

LETLES.

BOCCACIO

E' uma excellente marca de charutos fabricados na Bahia especialmente para a casa.

JUANITA

Cigarros de fumo especial.

THEATRO S. JOSE'

EMPRESA HELLER

Grande Companhia de Opera Comica e Operetas

HOJE

HOJE

Terça-Feira, 4 de Agosto de 1885

2.^A Recita de assignatura

Estréa da distincta actriz cantora

Mlle. ROSE MERYSS

Do 1.^o barytono sr. Pollero.

Do baixo Antonio José Areas, do actor Pinto e da actriz d. Julia de Castro.

Com a primeira representação da opera comica em tres actos, de H. Chivot e A. Duru, accommodada á scena brasileira por Eduardo Garrido, musica de Franz Suppé.

BOCCACCIO

PERSONAGENS:

Boccacio, Mlle. Rose Meryss
O principe Orlando, Sr. Vasques
Randolpho, hortelão, Sr. G. Aguiar
Trombolino, tanoeiro, Sr. Areas
Figaroni, barbeiro, Sr. Mattos
O desconhecido, Sr. Pinto
Cecco, mendigo, Sr. Pinto
Bradamante, livreiro, Sr. Nino
O capitão das guardas, Sr. Machado
Um official de tanoeiro, Sr. S. Silva
Um pagem, Sr. P. Machado
Primeiro burguez, Sr. Leal
Segundo dito, sr. Machado
Terceiro dito, Sr. Adelino
Quarto dito, Sr. Pedro
Quinto dito, Sr. Nogueira

Sexto dito, Sr. Dias
Beatriz, Mlle. Delsol
Petronilha, irmã de Randolpho, Mlle. Henri
Lelio, amigo de Boccacio, Sr. Pollero
Beppa, sobrinha de Trombolino, Mlle. Delmary
Leonor, pupilla de Figaroni, sra. d. Isabel
Primeiro estudante, sr. J. de Castro
Segundo dito, sr. Athayde
Primeira donzella de honor, sra. Euphrasia
Segunda dita, sra. Julieta
Primeira rapariga, sra. Euphrasia
Segunda dita, sra. Julieta.

Estudantes, burguezes, burguezas, senhores e damas da Corte, donzellas de honor, pagens, lacaios, officiaes de tanoeiro, mendigos, guarda, etc.

A scena passa-se em Florença, em 1340.